

**Chefe de Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo****Documento:** [090376337](#) | **Despacho****AUTORIZAÇÃO DE MOVIMENTAÇÃO DE RECURSOS - PROMAC**

I - Em atendimento ao Art.33 do Decreto nº 59.119/2019, que regulamenta o Programa Municipal de Apoio a Projetos Culturais (PROMAC), mediante solicitação apresentada pelo proponente em documento SEI ([090371364](#)) e após conferência do extrato da conta do projeto cultural apresentado em documento SEI, ([090372154](#)) AUTORIZA-SE a movimentação de recursos captados no âmbito do PROMAC pelo projeto “A PATRULHA DO FUTURO”, de nº de Protocolo 2021.07.08/03150, do proponente Clarear Produções Artísticas Ltda ME CNPJ 10.648.652/0001-90, a partir da data 21/09/2023.

II - A data de 21/09/2023 marca o início da contagem de tempo do cronograma do projeto cultural.

III - PUBLIQUE-SE

**Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente****NÚCLEO CONTRATOS****Documento:** [090411282](#) | **Ato****PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2023/0014733-6****INTERESSADA:** RC CONSTRUTORA E INCORPORADORA SPE LTDA.**ASSUNTO:** TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC Nº 109/SVMA/CFA/DFA/2023**EXTRATO****Auto de Infração nº 25476**, lavrado em 14/03/22;**Auto de Multa nº 67-015.160-2**, lavrado em 14/03/22;**Valor do Auto de Multa:** R\$ 1.500,00 (mil e quinhentos reais);**Motivo da autuação:** Supressão de 03 (três) exemplares arbóreos, sem autorização do órgão municipal competente, localizados na Rua José Figlioli, nº 196 - Vila Nilo, São Paulo/SP;**Interessados:** RC Construtora e Incorporadora SPE LTDA. (CNPJ/MF nº 48.714.074/0001-16) e Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA.**OBJETO DA REPARAÇÃO:**

Constitui objeto do TAC ora firmado, obrigando-se a **COMPROMISSÁRIA** a realizar a aquisição e entrega de materiais de manutenção/conservação, equipamentos, serviços e/ou obras para os Parques Municipais, administrados pela Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal - CGPABI, conforme informação a ser anexada posteriormente no Processo Administrativo SEI nº 6027.2023/0014733-6.

**Valor da multa a ser recolhido: 60% (sessenta por cento) do valor do Auto de Multa nº 67-015.160-2** devidamente atualizado, conforme previsto no **artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13**, e nos termos da **Lei Municipal nº 13.275/02**.

**Documento:** [090411465](#) | **Ato****PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2023/0014732-8****INTERESSADA:** LWC HOLDING ADM LTDA.**ASSUNTO:** TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC Nº 110/SVMA/CFA/DFA/2023**EXTRATO****Auto de Infração nº 25478**, lavrado em 14/03/22;**Auto de Multa nº 67-015.159-9**, lavrado em 14/03/22;**Valor do Auto de Multa:** R\$ 2.500,00 (dois mil e quinhentos reais);**Motivo da autuação:** Supressão de 05 (cinco) exemplares arbóreos, sem autorização do órgão municipal competente, localizados na Praça Nossa Senhora da Oliveira, s/nº, quadra 4, lotes 16 a 20 - Pari, São Paulo/SP;**Interessados:** LWC Holding ADM LTDA. (CNPJ/MF nº 46.413.328/0001-30) e Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA.**OBJETO DA REPARAÇÃO:**

Constitui objeto do TAC ora firmado, obrigando-se a **COMPROMISSÁRIA** a realizar a aquisição e entrega de materiais de manutenção/conservação, equipamentos, serviços e/ou obras para os Parques Municipais, administrados pela Coordenação de Gestão de Parques e Biodiversidade Municipal - CGPABI, conforme informação a ser anexada posteriormente no Processo Administrativo SEI nº 6027.2023/0014732-8.

**Valor da multa a ser recolhido: 60% (sessenta por cento) do valor do Auto de Multa nº 67-015.159-9** devidamente atualizado, conforme previsto no **artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13**, e nos termos da **Lei Municipal nº 13.275/02**.

**Documento:** [090411658](#) | **Ato****PROCESSO ADMINISTRATIVO SEI Nº 6027.2023/0006396-5****INTERESSADO:** GENIVAL MOREIRA SOUZA**ASSUNTO:** TERMO DE AJUSTAMENTO DE CONDUTA - TAC Nº 108/SVMA/CFA/DFA/2023**EXTRATO****Auto de Infração nº 036195**, lavrado em 08/07/22;**Auto de Multa nº 67-014.482-7**, lavrado em 08/07/22;**Valor do Auto de Multa:** R\$ 500,00 (quinhentos reais);**Motivo da autuação:** Supressão de 01 (um) exemplar arbóreo sem a devida autorização dos órgãos competentes, localizado na Avenida Maria Luiza Americano, nº 1.510 - Cidade Líder, São Paulo/SP;**Interessados:** Genival Moreira Souza (CPF/MF nº 114.599.078-92) e Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente - SVMA.**OBJETO DA REPARAÇÃO:**

Constitui objeto do TAC ora firmado, obrigando-se o **COMPROMISSÁRIO** a:

**a)** Realizar o plantio reparatório de **10 (dez)** mudas de espécies arbóreas nativas da flora brasileira, todas com DAP  $\geq$  3 cm, altura do colo à primeira bifurcação  $\geq$  1,80 m e altura  $\geq$  2,50 m, no canteiro central da Avenida Jacu Pêssego, entre a Rua Botuporã e a Travessa Teresa Diamante Sisto, sentido Cidade Tiradentes, conforme autorização emitida pela Subprefeitura de Itaquera;

**b)** Garantir ao final do período de manutenção, tal seja, 24 (vinte e quatro) meses, a reparação do dano ambiental mediante reconhecimento do **Grupo Técnico de Recuperação Ambiental de Áreas Degradadas - GTRAAD da Divisão de Fiscalização Ambiental - DFA**.

**Valor da multa a ser recolhido: 60% (sessenta por cento) do valor do Auto de Multa nº 67-014.482-7** devidamente atualizado, conforme previsto no **artigo 24 do Decreto Municipal nº 54.421/13**, e nos termos da **Lei Municipal nº 13.275/02**.

**DIVISÃO DE PLANEJAMENTO E APOIO AOS COLEGIADOS****Documento:** [090304033](#) | **Ata****257ª Reunião Plenária Ordinária do CADES****Data:** 13/09/2023**Duração:** 2 horas 42 minutos e 36 segundos**Local:** Prédio da SVMA, térreo - sala de reuniões**Online - Plataforma Microsoft Teams****Pauta:****1.** Aprovação da Ata da 256ª Reunião Plenária Ordinária do CADES;**2.** Apresentação da “Atualização da Carta Geotécnica do Município de São Paulo - Avanços e Desafios” pela Conselheira Sra. Patrícia Marra Sepe, representante da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento - SMUL ;**3.** Apresentação do “DPH e a proteção do ambiente urbano” pelo Conselheira Sra. Licia Mara Alves de Oliveira, representante da Secretaria Municipal de Cultura;**4.** Apresentação e composição das Câmaras Técnicas.**Participantes:****Mesa Diretora:****Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES****Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC****Rute Cremonini de Melo - Secretária Executiva****Assessores:****Sérgio Eduardo Hatsumura Hanasiro - Assessor****Neusa Pires - Assessora****Gregory Biguinati Jardim - Assessor****Bernardo Marcondes Zacharias - Estagiário****Conselheiros:****Ligia Palma de Barros Latorre Lobo****Ingrid Cristine Rodrigues****Oliver Paes de Barros de Luccia****Marcos Antônio Santos Romano****Eduardo Murakami da Silva****Patrícia Marra Sepe****Ana Lúcia de Lima Fiorotti****Douglas de Paula D'Amaro****Magali Antônia Batista****Patrício Gomes Moreira****Claudio de Campos****Thais Joyce da Silva Amorim****Lícia Mara Alves de Oliveira Ferreira****Luca Otero D'almeida Fuser****Cassia Adriana Alves Ribeiro da Cunha****Gilson Gonçalves Guimarães****Meire Aparecida Fonseca de Abreu****Lígia Pinheiro de Jesus****Anita de Souza Correia Martins****Juliano Ribeiro Formigoni****Guilherme Del Nero Fiorellini****Carlos Alberto Maluf Sanseverino****Maria Cristina de Oliveira Reali Esposito****Marco Antônio Lacava****Ricardo Crepaldi****Edilene Souza Machado****Sérgio Canuto da Silva****Alessandro Luiz Oliveira Azzoni****Mario Luís Fernandes Albanese****José Ramos de Carvalho****Jaciara Schaffer Rocha****Edvan da Silva Santos****Maria de Fátima Saharovsky****Delaine Guimarães Romano****Celina Cambraia Fernandes Sardão****TRANSCRIÇÃO AUTOMATIZADA**

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Bom dia a todos. Satisfação estar mais uma vez aqui no CADES. Sempre nossa mesa presencial cada dia mais cheia e isso daí nos alegra muito. Vou ter que falar com a Liliane aqui para fazer mais bolo em casa, para trazer mais bolo e mais café, mas tirando a brincadeira, a gente fica muito feliz em ver mais gente, mais colegas, mais amigos, mais companheiros, mais conselheiros participando aqui das nossas reuniões do CADES, isso daí nos alegra, nos mostra o privilégio que a gente tem em estar aqui. Então vamos às ordens do dia, bom dia eu já dei... Na qualidade de Presidente da mesa, eu, Carlos Eduardo Guimarães de Vasconcelos, Secretário Adjunto à Secretaria do Verde e Meio Ambiente da cidade de São Paulo, dou início agora, às 10h12 da manhã, dia 13 de setembro de 2023, a 257ª Reunião Plenária Ordinária do Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da cidade de São Paulo, convocada nos termos do Art. 7º do Regimento Interno, conforme resolução nº 140/CADES/2011, na forma semipresencial, em nossa sala de reuniões, no prédio da SVMA, andar térreo, por meio da plataforma Teams. Passo agora a palavra para a nossa Coordenadora Geral do CADES, Sra. Liliane Arruda, para darmos início à nossa reunião e pauta do dia. Temos uma pauta bem interessante, atualização de Carta Geotécnica, apresentação do DPH e a Composição das Câmaras técnicas. Vamos com

tranquilidade, seguir para nossa reunião. Abraço a todos e Lili, é contigo.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Carlos. Bom dia a todos os conselheiros e conselheiras presentes aqui conosco hoje. Hoje a sala está muito cheia, obrigada a todos aqui. Obrigada Patrícia, por ter trazido o pessoal do IPT para a apresentação de hoje. Quero agradecer imensamente o Educa Libras, a Sílvia e o Patrick que estão aqui na parte das libras e vamos dar início ao primeiro expediente do dia: aprovação da Ata da 256ª Reunião Plenária do CADES. Dessa forma a gente vai colocar em votação. Damos como aprovada a 256ª Reunião Plenária Ordinária do CADES. Presidente, a gente vai pedir uma "Pré-pauta" para a posse do novo Conselheiro do CADES, conforme substituição realizada pela portaria de designação SGM 153 de 6 de setembro de 2023, dessa forma pela competência passo a palavra para o Presidente da mesa para fazer apresentação e dar posse ao novo Conselheiro do CADES.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Continuamos agora com a posse do Marcos Antônio dos Santos Romano, o que nos traz muita alegria né, e como Presidente da mesa, declaro empossado o Sr. Marcos Antônio dos Santos Romano e ofereço o microfone para que, desejando, ele faça alguma observação, alguma fala. Marcos. Vamos pedir desculpa a todos, acabamos de dar posse à ausente, em uma próxima oportunidade, quando ele aparecer, a gente dá posse ao Marcos, essas coisas acontecem. Desculpem todos.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Vamos ao segundo ponto do expediente: apresentação e composição das Câmaras técnicas, conforme conversamos na última reunião do CADES, o Sérgio e a Neusa encaminharam para vocês o cronograma e também a cada Câmara técnica de quem vocês gostariam de estar participando, então diante da apresentação que foi feita, que foi enviada pelo Sérgio e pela Neusa, fica de seguinte forma a Composição da Câmara técnica de Desenvolvimento Industrial e Mineral, está na tela, que o Bernardo estará apresentando. Então fica para o Desenvolvimento Industrial e Mineral, fica à composição: Alessandro Azzoni - Setor Comercial (Presidente), Juliano Formigoni - SVMA/CLA (Relator), Mário Luís Fernando Albanese - Setor Industrial, Cleusa Guimarães - SMJ e André Martins Ferreira - SVMA/CFA. Da Câmara técnica II de Obras Viárias, Drenagem e Transporte, a composição fica: o Juliano Formigoni que é do CLA como Presidente, Douglas de Paula D'Amaro da SIURB como Relator. Dr. Alessandro Azzoni - Setor Comercial, Sr. José Ramos de Carvalho - Macrorregião Norte 2, Estela Macedo Alves - Instituto de Arquitetos do Brasil, Marco Antônio Lacava - Câmara Municipal de São Paulo, a Janaína Soares Santos Decarli - SMT, Meire Aparecida Fonseca de Abreu - SVMA/UMAPAZ, a Rosélia Mikie Ikeda - SVMA/CPA, André Martins Ferreira - SVMA/CFA, o Mário Luiz Fernando Albanese - Setor Industrial, Cláudio de Campos - SMSUB, Celina Cambraia Sardão - Macrorregião Centro-oeste 2. Agora da Câmara técnica III Parcelamento de uso e ocupação do solo, Complexo urbano e habitação, fica a composição: Juliano Formigoni da SVMA/CLA (Presidente), Dr. Alessandro Azzoni - Setor Comercial (Relator), Douglas de Paula D'Amaro - SIURB, Estel Macedo Alves - IAB, Janaína Soares Santos Decarli - SMT, a Magali Antônio Batista - SMS, Mário Luís Fernando Albanese - Setor Industrial, Cláudio de Campos - SMSUB, Edvan da Silva Santos - Macrorregião Sul 3, Marco Antônio Lacava - Câmara Municipal de São Paulo, a Celina Cambraia Fernando Sardão - Macrorregião Centro-oeste 1, André Martins Ferreira - SVMA/CFA, a Tereza Cristina Mesquita da Silva - Macrorregião Sul 1.

Carlos Alberto Maluf Sanseverino: Dra. Liliane, por gentileza, pela ordem. Pode me ouvir um minutinho?

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Quem estiver com a mão levantada, já vou dar a palavra, deixa só terminar aqui as composições, por gentileza.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: A gente vai concluir a apresentação das composições e em seguida a gente dá a palavra.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Câmara técnica IV Saneamento Ambiental. Composição atual: Juliano Formigoni SVMA/CLA (Presidente), Alessandro Azzoni - Setor Comercial (Relator), Douglas de Paula D'Amaro - SIURB, José Ramos de Carvalho - Macrorregião Norte 2, a Meire Aparecida Fonseca de Abreu - SVMA/UMAPAZ, Mauro Luís Fernando Albanese - Setor Industrial, Fanny Elisabete Moore - Macrorregião Sul 2, Cássia da Cunha - SMJ. Agora da Câmara Técnica IV, Análise e Estudo de Impacto de Vizinhança (EIV) / Relatório de Estudo de Impacto de Vizinhança (RIVI). Composição: Juliano Ribeiro Formigoni - SVMA/CLA (Presidente), Alessandro Azzoni - Setor Comercial (Relator), Eduardo Storopoli - Universidades, Janaína Soares Santos Decarli - SMT, Sr. José Ramos de Carvalho - Macrorregião Norte 2, Meire Aparecida de Fonseca - SVMA/UMAPAZ, Mário Luís Fernando Albanese - Setor Industrial, Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macrorregião Centro-oeste 1, William Agra - SVMA/CFA, a Rosélia Ikeda - SVMA/CPA. E agora vamos para a Câmara Técnica VI Elaboração das Pautas, composição: Alessandro Azzoni - Setor Comercial (Presidente), Patrícia Marra Sepe - SMUL, José Ramos de Carvalho - Macrorregião Norte 2, Delaine Guimarães Romano - Macrorregião Leste 1, Mário Luís Fernando Albanese - Setor Industrial, Fanny Elisabete Moore - Macrorregião Sul 2 e a Celina Cambraia Fernandes Sardão - Macrorregião Centro-oeste 1. Colocamos em votação e aprovação o referente

item da composição das Câmaras Técnicas entre conselheiros e conselheiros aqui presentes. Agora vou dar a palavra ao Sr. Sanseverino, por favor.

Carlos Alberto Maluf Sanseverino: Bom dia a todos. Bom dia, Sra. Diretora, Sr. Secretário, saudando a todos os Conselheiros do CADES. Por coturno, ainda que no curso da reunião a Ordem dos Advogados do Brasil, por suas condições, pretende acompanhar e participar das Câmaras III, IV e V. Gostaria de saber da possibilidade da inclusão dos nomes, neste momento eu posso já sugerir aqui ou fazê-lo formalmente, como o Sr. Secretário entender mais apropriado. Ouvimos uma reunião a tempo recente e por isso estamos trabalhando no pleito durante esta reunião que entendemos oportuna. É isso.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Câmara Técnica III Parcelamento, uso e ocupação do solo, Câmara IV Saneamento Ambiental e a Câmara V Análise de Estudo de Vizinhança e Relatório de Impacto de Vizinhança. Como não vejo nenhum problema, tem que ver nos nossos estatutos se isso daí é viável ou não. A OAB quer participar das Câmaras III, IV e V.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Deixa-me só deixar bem claro... As pessoas que fizeram o formulário e aqui agora presentes queiram participar, a (som ininteligível) está aqui comigo, ela quer participar de uma outra Câmara e o Sanseverino também quer participar. Pode sim, fiquem à vontade. Só peço, por gentileza, encaminhe um e-mail para o CADES, a Neusa e o Sergio vão incluir ainda hoje para sair no Diário Oficial amanhã, o nome de vocês. O Carlos e a Patrícia com mais duas Câmaras. Dou como aprovação a votação do referido item.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Já considerando a adição da OAB nas Câmaras III, IV e V e a Patrícia Marra Sepe da SMUL na Uso do solo, Saneamento Ambiental e drenagem.

Carlos Alberto Maluf Sanseverino: Muito obrigado Sr. Secretário. Obrigado Liliane.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: O Ramos quer participar da Câmara de Uso do solo e a Lígia na Uso do solo e drenagem.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Então peço, por gentileza, que vocês encaminhem via e-mail a quais Câmaras vocês querem participar para deixarmos isso anexado e comprovado, que vocês estão solicitando isso para a gente, para estar informando no Diário Oficial o nome de vocês. A gente pede para incluir via e-mail para dar formalidade, que vocês estão solicitando querer participar.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Solicitações recebidas, como foi uma coisa simples de adequar, a gente já aproveita a aprovação, vamos verificar com todos os Conselheiros se existe alguma ressalva, antes da aprovação, por gentileza. Alguém tem alguma nota a fazer? Bom, se não, então fica aprovada a composição das Câmaras com as retificações aí de último minuto. A gente já pede a publicação no Diário Oficial. Vamos em frente.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Carlos. Passando agora para o terceiro ponto do expediente: apresentação da Atualização da Carta Geotécnica do Município de São Paulo. Isso é muito importante na reunião do CADES. Quero aqui imensamente agradecer a nossa conselheira Patrícia que está presente com a gente, por ter trazido essa apresentação, ela é representante da Secretaria Municipal de Urbanismo e Licenciamento junto com o Omar que é do IPT, o Felipe, o IPT está aqui presente e o Carlos Freitas que está chegando, mas já vou falar o nome dele par deixar gravado também que é do IPT. Então eu quero dar a palavra ao Omar para a apresentação junto com a Patrícia, já está na tela, por gentileza, a palavra é de vocês. Está sem som online, é isso? Façam um reagir de mão.

Sílvia - Intérprete de Libras: Está sem som para mim também.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Só um minuto que estamos vendo aqui com a parte técnica. Estou acompanhando aqui o chat. Pati, por favor, faz o teste novamente... E agora?

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Exatamente, antigamente era a luz do reator que ia embora.

Participante não identificado: (som ininteligível). A ideia é apresentar aqui no CADES, no Conselho Municipal de Política Urbana e nós vamos (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Vê se dá certo agora. Está com som agora? Vamos ver agora se dá certo, espera só um minuto.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Está trocando de microfones (som ininteligível) por favor avise.

Participante não identificado: Vou fazer uma apresentação muito rápida (som ininteligível). Falando um pouco, como a Patrícia já adiantou, o histórico dessa (som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: É melhor sentar porque a intérprete de libras está com dificuldade de pegar.

Participante não identificado: (Som ininteligível) pode ser que tenha algumas pessoas que eventualmente não estão tão próximas do assunto. Na verdade, é uma ferramenta (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Acho melhor o Sr. sentar-se aqui e apresentar pelo meu computador. Só um minuto que ele vai vir aqui.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: A gente está com reclamações sem som, então vamos mudar mais uma vez a organização aqui.

Omar Bitar: Bom, então seguindo, rapidinho, um breve histórico, é sempre bom a gente lembrar como é que a Carta Geotécnica do Município de São Paulo surgiu, ela veio lá dos tempos de 1984 né, como a primeira Carta da Região Metropolitana numa escala ainda muito regional, 1:50.000, acho que eu vou com o microfone, senão vai dar microfonia. Depois de 1985 aparece o primeiro produto já numa escala um pouquinho mais detalhada, 1:25.000 da região metropolitana de São Paulo, mas aí tem também alguns pedaços do Município de São Paulo é aí que vem o primeiro uso né, da carta geotécnica por parte da Prefeitura, que a Patrícia mencionou. Em 90 foi feita uma Revisão da Região Metropolitana e aí vem no começo dos anos 90 essa Carta, que é a Carta atual, é a Carta disponível, está no GeoSampa, é a Carta do Município de São Paulo, vocês veem aqui ainda no formato, a direita do slide, ainda analógico, desenhado a mão, com uma compartimentação ilustrada pelas diferentes simbologias, mas já traz uma coisa muito importante que é o detalhamento com uma escala 1:10.000, uma coisa extremamente rara (som ininteligível) que São Paulo conseguiu fazer isso graças ao trabalho da Carta e do Mapeamento Geológico que foi feito na época. Essa carta foi então digitalizada depois de uma oportunidade que a gente acabou participando aqui também, foi aqui né Secretário, com a Secretaria do Verde e Meio Ambiente, a gente acabou digitalizando o tema da Geologia e é esse material que está hoje no GeoSampa, já proporcionando uma primeira utilização dessa Carta nas discussões regionais né, que a gente pega o exemplo da Subprefeitura (som ininteligível) é onde a gente está trabalhando lá, então a gente está sempre envolvido com as discussões do entorno, então já possibilitando uma discussão (som ininteligível) de uso ocupação do solo nas regionais, nas Subprefeituras, enfim, no Município como um todo. Em 2009, publicou-se essa primeira compartimentação já bastante simplificada, mas já dando uma primeira ideia do que que é a compartimentação geológica, geomorfológica e, portanto, também com reflexo geotécnico dos terrenos do meio físico da cidade de São Paulo. E aí em 2015 em função até de uma diretriz do Plano Diretor de 2014, inclui lá uma diretriz para que a Carta seja publicada para acesso a qualquer pessoa (som ininteligível) interessada nesse tema. Então essa Carta está publicada com os materiais disponíveis. A plataforma GeoSampa (som ininteligível) da Geologia e mais algumas informações que vão, que acompanham informações pontuais de ocorrências, de processos e de algumas feições associadas (som ininteligível) do meio físico.

Isso tudo transcorreu (som ininteligível) e aqui a gente chama atenção para a questão atual e a gente denomina aí como uma "Contextualização legal" em relação ao assunto porque veio em 2012 a conhecida Política Nacional de Proteção e Defesa Civil que trouxe em função dos acontecimentos lá da Serra Fluminense, Petrópolis, morreram mais de mil pessoas (som ininteligível) dessa política, incluiu-se, inclusive, essa palavrinha "Proteção" (som ininteligível) vertente importantíssima em questão da Defesa Civil, a gente está acompanhando aí hoje as discussões em função do o que está acontecendo lá no Rio Grande do Sul, e a gente vê que as respostas estão sendo dadas de uma maneira ou de outra, mas a questão que fica sempre em discussão é poderíamos ter prevenido melhor, em relação a isso né, poderíamos ter evitado, limitado a ocupação de áreas suscetíveis, então é exatamente nesse contexto que entra essa discussão toda e veio com essa Lei de 2012 que todos conhecem como PNPDEC, mas que é importante salientar que essa é a Lei da Defesa Civil Nacional, mas ela introduziu mudanças no Estatuto da Cidade, na Lei Lehmann que é a Lei do parcelamento do solo e na Lei que regula a questão dos recursos (som ininteligível) a transferência de recursos da União para Estados e Municípios para poder lidar com a gestão de riscos e um dos temas, um dos requisitos é exatamente o requisito V, a Carta Geotécnica de Aptidão e Urbanização, dentro desse contexto então que o trabalho está sendo feito. Essa legislação toda trouxe, na verdade, a questão da (som ininteligível) Campo legal, mas houve a partir daí umas discussões né, aqui na comunidade de Geociências né, na comunidade Geotécnica, na comunidade GeoAmbiental e também nos setores ligados ao planejamento territorial para marcar e desenvolver essas demandas que vieram com uma política nacional, com a PNPDEC e lá então trouxe, digamos assim, as diretrizes e a partir daí há três tipos de cartas geotécnicas que vem sendo implementadas né, (som ininteligível) uma Carta de aptidão que é o que nós estamos trabalhando aqui e as Cartas de risco, as chamadas "Cartas de setorização de risco" aí em um detalhe maior. No caso do Município de São Paulo, a Carta de suscetibilidade já tem, foi feita pelo IPT junto com o Serviço Geológico do Brasil e as Cartas de risco, as Cartas de setorização também têm né, estão sendo, inclusive, objeto de atualização por parte da Prefeitura, (som ininteligível) essa questão na Carta de aptidão tem limite que já existe na Carta da década de 90.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: (som ininteligível) de risco, a área de 1 a 4, que a gente tem visto.

Patrícia: (som ininteligível) e sempre o IPT é nosso parceiro (som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Tem toda uma aplicação da Prefeitura nos investimentos. É importante destacar que exatamente essa Carta de risco mais detalhada de 1:10.000 (som ininteligível) e determina também investimentos para a proteção das áreas, principalmente nos momentos antes das grandes chuvas, antes do verão.

Omar Bitar: Então vamos lá, então esse é o contexto legal, ele está muito relacionado com toda a sistemática prevista na legislação brasileira que é inspirada, inclusive, nas normas da ONU, da legislação, inclusive, internacional ligado aí com uma gestão de riscos e desastres entendidos nessa lógica que é o que está na legislação, a prevenção, prevenção é evitar a criação de riscos, a mitigação tem a ver com reduzir os riscos que já estão instalados, a preparação, organizar quando a perspectiva é de que algo vai acontecer e é inevitável e a resposta e a recuperação que é o que a gente está vendo agora no Rio Grande do Sul, está nessa base 4, então isso aqui a gente parece que faz bem né, mas essa parte anterior a gente precisa melhorar bastante. E a correlação dessa sistemática com a cartografia geotécnica, onde as Cartas de suscetibilidade e de aptidão são mais para prevenção, é importante a gente enfatizar isso, evitar a criação de riscos, enquanto as Cartas, embora, elas também possam ajudar na recuperação agora e as Cartas de setorização são específicas para mitigação, para a preparação e para resposta. Então esse contexto todo é muito importante e aí a gente já vai chegando aqui no nosso caso né, porque (som ininteligível) alguns dispositivos que se referem a aspectos que devem estar contidos numa Carta geotécnica, não só no Plano Diretor, mas também na Legislação de uso e ocupação do solo e no seu regulamento. Daí então né, a Patrícia já adiantou, foi nessa iniciativa conjunta a Prefeitura e IPT, uma parceria, o IPT que ajudou a Prefeitura (som ininteligível) que na década de 90, então juntos aqui trabalhando dentro desse convênio que foi firmado para fazer a atualização, então só para sintetizar também Secretário, essa apresentação fica à disposição, considerando tudo isso que a gente comentou agora a pouco e a disponibilidade da Carta de suscetibilidade que é fundamental ter para poder fazer uma Carta de aptidão e também discussões que aconteceram aí em vários fóruns SP (som ininteligível) apareceram novas demandas também para Cartografia Geotécnica, então nós colocamos esses objetivos específicos do trabalho, temos uma grande vantagem nesse caso de São Paulo que a Carta já existe, então estamos atualizando e eventualmente agregando novas informações e procedendo as atividades até chegar na edição final e na disponibilização do material para acesso público. A gente coloca aqui área de estudo, porque bom, pode parecer estranho né, é que algumas Cartas de aptidão à urbanização têm sido desenvolvidos aí pelos diferentes (som ininteligível) em função da disponibilidade de dados de Geologia em uma escala compatível com a escala 1:10.000, aqui em São Paulo a gente já tinha esse mapeamento, então isso facilitou que a gente pudesse abordar e definir a área de estudo como sendo o município como um todo. Os fundamentos que a gente está adotando para a execução da Carta estão baseados todo conhecimento técnico, científico que está sendo desenvolvido pelas comunidades nacional e Internacional, estão aqui algumas ilustrações do material que a gente (som ininteligível), especificamente, a partir de um manual elaborado pelo Ministério da Cidade feito pelo pessoal da Universidade do Rio Preto, de aptidão que vem lá (som ininteligível) essa edição da política nacional da PNPDEC né e as experiências que a gente tem tido, aqui estão algumas delas, um trabalho que a gente fez e é um desenho, mais ou menos, que a gente imagina, uma carta com as unidades Geotécnicas e uma Carta (som ininteligível) em uma simbologia mais (som ininteligível), para uma comunicação mais rápida, (som ininteligível) nós terminamos de fazer no ano passado a Carta do município de Caxias do Sul e é mais ou menos nessa perspectiva que a gente tem que trabalhar, além de considerar todo o material dos relatórios da carta né, aqui o relatório de 92, os quadros que fazem parte desse relatório e também o relatório final do trabalho que foi feito nessa época pela Prefeitura. Tudo isso então, sendo considerado Secretário para fazer esse trabalho. O nosso cronograma a Patrícia já adiantou, aqui estão as atividades, o IPT começou esse trabalho no ano passado, de setembro a dezembro e esse ano a partir da assinatura do convênio né, que foi em janeiro, então nós temos aí 12 meses até janeiro do ano que vem, a gente espera concluir esse trabalho todo. E aqui, como a Patrícia também já enfatizou, uma das atividades que a gente está cumprindo, inclusive, aqui é fazer essas reuniões, essas apresentações, discussões né, temos essa oficina prevista para (som ininteligível) a ideia é fazer o dia inteiro, onde tenha tempo de discutir tecnicamente os detalhes, todos da Carta e todo esse trabalho, então isso tudo vai ser tratado em breve.

O que a gente já tem de resultado nesse tempo do trabalho, então a gente já tem uma definição dos principais componentes da Carta geotécnica, já temos uma (som ininteligível) dos mapas temáticos que estão sendo abordados, mapas que se referem mais a características do meio físico, mapas de integração dessas características em termos de suscetibilidade e mapas que trazem a relação com a questão do uso e ocupação do solo, enquanto fatores de indução, de deflagração, de processos que podem trazer problemas, e o desenho então também da Carta com essa perspectiva de incluir informações também pontuais sobre processos, ocorrências registradas também pela Prefeitura e pelo próprio IPT além de outras fontes, os mapas que já estão praticamente prontos, (som ininteligível), relevo, solo, a questão de aquíferos, também estamos incorporando essa temática dentro do (som ininteligível), a suscetibilidade a movimentos gravitacionais em massa, como eu disse, um mapa que já estava pronto e foi fundamental. Aí vem alguns temas novos, a gente vai chegar aqui neles rapidinho, daqui a pouco. Suscetibilidade

superficial, tendência de precipitação pluviométrica por fatores que interferem né, vagam os processos, a questão do uso e ocupação do solo, eu vi aí que se falou agora pouco aí na questão da Câmara técnica de mineração, na legislação, muitos chamam essa questão aí de... Foi uma coisa que apareceu, está na Lei, que a Carta Geotécnica tem que ser interessada para a questão do parcelamento urbano, mas também para o aproveitamento dos agregados para construção civil, está na Lei, então a gente também tem que levar em consideração esse aspecto, além das áreas protegidas que tem as restrições, a ocupação e isso também está sendo abordado. Os dados pontuais, complementares também a gente está colocando nesse trabalho todo, ocorrências, inspeções, outorgas de água subterrânea, áreas contaminadas, a setorizações de risco também é importante que elas estejam junto né, a própria legislação prevê isso, os depósitos antrópicos, antropogênicos né, que também foram mapeados (som ininteligível), as sondagens realizadas para começar compor uma base de dados geotécnicos, orientações para os ensaios geotécnicos, dados de planícies pluviais originais, é um trabalho que a gente está discutindo com o pessoal da Faculdade de Filosofia (som ininteligível) a professora Cleide né, também está conosco aí, a gente vai incorporar essas informações, além de outras informações, por exemplo, sobre erosão que o IPT tem também já mapeado do município de São Paulo numa escala muito Regional, mas enfim, dentro do possível, a gente vai tentar trazer essas informações para a escala de trabalho nossa que é uma escala de 1:10.000, é uma escala já considerada (som ininteligível).

Patrícia: Só uma complementação (som ininteligível) tem uma matriz ou uma Carta atual, mas a ideia é colocar no GeoSampa algumas Cartas intermediárias, por exemplo, Carta de (som ininteligível), relevo, as áreas contaminadas (som ininteligível) principalmente no tietê (som ininteligível), a gente tem um convênio com o Petróleo, a gente já fez uma consulta se o metrô pode ceder uma sondagem, e fora isso (som ininteligível) de todo projeto que for aprovado, de edificação, de prédios, (som ininteligível) da aprovação e ser (som ininteligível), acho que é um ganho absurdo (som ininteligível), uma pesquisa enorme, um trabalho super detalhado, tentando definir parâmetro, cada tipo de solo, (som ininteligível).

Omar Britar: Essa é a ideia. Está desenhado aí para a gente apresentar essas orientações sobre os ensaios mais apropriados para cada tipo de unidade geotécnica, então isso vai fazer parte das diretrizes das recomendações, são informações que vão ser complementadas, vão ser incorporadas (som ininteligível), vai fazer parte tudo isso no GeoSampa, essa é a ideia. Bom, nós estamos agora nessa integração, ainda não temos né, fica sempre aquela curiosidade, estamos quase lá, já estamos fazendo alguns testes de cruzamento das informações né, sobretudo solos, Geologia e relevo, mas também os outros temas que a gente mostrou para começar a fazer a compartimentação e a definição das unidades geotécnicas e já a construção do próprio quadro legenda né, cujo cabeçalho básico está ilustrado nessa parte de baixo com as características predominantes, os processos que atuam naquela unidade e as diretrizes, recomendações gerais para áreas ocupadas e também para áreas não ocupadas, ou até invertendo, para áreas não ocupadas, para que a ocupação seja feita da melhor maneira possível, mas também com recomendações para áreas ocupadas, essa é a ideia. Uma primeira unidade que é clássica né, em toda carta geotécnica, em geral é aquela unidade que representa a integração das planícies fluviais, aluviais com sedimentos mais recentes, do ponto de vista geológico, a gente chama de sedimentos quaternários né, então apenas para ilustrar já o primeiro esboço daquela composição.

Patrícia: (som ininteligível), o que eu queria colocar também é a importância, por exemplo, dessa compartimentação (som ininteligível) com uma visão de zoneamento de uso e ocupação do solo, (som ininteligível).

Omar Britar: É aquela ideia não é gente, vamos produzir essa Carta, vai terminar essa perspectiva, de terminar no começo do ano, mas ela está sendo feita né, portanto, é uma carta que pode ser atualizada permanentemente, então nós estamos atrás de informações, dados especializáveis e georreferenciados, mas nem sempre é fácil obter para esse uso mais imediato, mas a carta vai estar lá e ela poderá ser alimentada com novos dados assim que esses dados foram obtidos. O Guia de utilização que a gente está estruturando naquela ideia de material que fique também disponível no GeoSampa numa linguagem mais acessível né, e a Carta Síntese que também está sendo pensada nesse formato, conforme os diretrizes aí que vem das metodologias nacionais que estão sendo difundidas. E a gente então vai esboçar algumas das aplicações mais usuais para técnica, pode ser usado o Macro zoneamento, no zoneamento de uso e ocupação do solo, na questão de unidades de conservação, na contextualização de setores de ações de risco, no parcelamento propriamente dito, que é a grande finalidade Legal, na verdade esses dois temas aqui é o que está na Lei, então são obrigatórios né, tem que fazer as considerações, do aspecto do parcelamento e no aspecto de agregados, e outras aplicações que podem ser estabelecidas e indicadas no nosso Guia, mas nós temos também novas aplicações que está surgindo ainda (som ininteligível), uma das pessoas que está aí à frente desses temas né. Vejam esse tema da questão do Escoamento Superficial que a gente consegue já ter uma primeira ideia do nível de saturação da cidade, do ponto de vista das enxurradas urbanas, (som ininteligível). E o que aqui nos chama atenção, que também já começa ir para o Sul, já está amarelado aqui e para o Norte né, a Cantareira também já está ficando, já estamos caminhando aí para uma saturação em termos do escoamento, então isso aqui também é uma coisa importante, a

gente até estava vendo, a Zona Leste que ficou totalmente Ilha né, nesse sentido aí do escoamento, será que a gente não tem nenhum pedacinho aqui que esteja melhor, aí é uma questão da escala, a gente até está vendo isso porque, por exemplo, tem a região lá do Parque do Carmo...

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Aí você vê a importância dos Parques no contexto do escoamento, eles não são apenas diversão, eles têm a função de desenvolver o verde, trazer áreas de diversão à população, mas também tem a questão de se tornarem áreas que auxiliam no escoamento das chuvas.

Omar Bitar: Segurar, reter diminuir a velocidade de escoamento e facilitar a infiltração que é uma parcela importante do (fala interrompida).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Tem que implantar aquele asfalto poroso.

Omar Bitar: E o outro é essa questão das mudanças climáticas, então uma simulação aqui que a gente fez, o Felipe trabalhou bastante nisso, com dados históricos, apesar de dados históricos estão sempre nos registros, estão sempre sendo quebrados, mas é essa modelagem que a gente está desenvolvendo e ela pode ser atualizada, mas que está mostrando já até num desenho aqui um pouco ampliado do recorte do município né, as regiões que estão aí com a tendência maior de perspectiva de chuva, a coloração é o contrário né, mostrando tendências maiores de chuva do que em relação ao evento.

Felipe: (Som ininteligível), em azul significa maiores volumes de chuva, a parte laranja que é boa parte da área mais (som ininteligível) são aquelas áreas onde a chuva vai se concentrar em (som ininteligível), eles também têm a finalidade de reduzir o efeito do calor e vai reduzir a tendência que já é perceptível. Esse mapa foi produzido inteiramente com dados históricos (som ininteligível).

Omar Bitar: Esses são temas que a gente está agregando em função aí dessas demandas novas ligados com a questão das mudanças climáticas e essa questão do escoamento que está ficando realmente bastante preocupante na cidade de São Paulo. Era isso gente, a equipe de IPT que está envolvida no trabalho grande, aqui estão o nome das pessoas, a Prefeitura também tem uma equipe grande aqui, está só representantes que estão no convênio e a gente deixa para vocês o nosso contato, tanto eu, quanto a Patrícia né, para que encaminhem sugestões, observações, críticas, complementações são todas bem-vindas, (som ininteligível) essa apresentação aqui no Conselho é para isso mesmo, para que a gente possa receber a contribuição de vocês. Ficamos à disposição aqui, na sequência, se houve tempo, caso contrário, a gente deixa os contatos para conversarmos.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Patrícia, obrigada Omar pela apresentação. Primeiramente estamos com o Sr. José Ramos para estar falando. Está aqui o microfone, por favor, Sérgio. Quem estiver na parte online é só levantar a mão que eu vou acompanhando aqui também com vocês.

José Ramos de Carvalho: (Som ininteligível). Certamente vamos ter as mesmas ocorrências que está acontecendo no Rio Grande do Sul (som ininteligível). Então esse trabalho é maravilhoso sim, (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Sr. José Ramos. Lucas, por favor, você pode se sentar aqui na mesa do Sérgio, por favor, porque para a parte da Libras está difícil para ela ouvir. Então quem for falando, eu peço, por gentileza, para sentar-se aqui no computador do Sérgio.

Luca Otero D'almeida Fuser: Bom dia, sou o Luca Fuser, suplente da Secretaria Municipal de Cultura. Parabenizar o pessoal de SMUL e do IPT por esse trabalho de atualização histórico e umas dúvidas bem básicas, uma delas é se tem essa iniciativa também nos municípios aqui da região metropolitana, aí acho que talvez você esteja acompanhando isso, até porque como se disse, a fronteira às vezes ela é muito arbitrária para alguns fenômenos e a gente que tem a Serra da Cantareira tombada, às vezes tem umas questões municipais que são delicadas. A outra é como que vai ser essa disponibilização de dados bruta, porque eu imagino que eles sejam repassados e óbvio que é importante a gente colocar no GeoSampa, mas a gente também se utiliza desses dados no dia a dia virtualmente, fico pensando assim demandas que nem um plano da paisagem, um debate que está atrasado, que a gente precisa colocar em pauta desde PDE de 14 né, Patrícia sabe bem, a gente se agonia com essas questões e acho que outra questão também é sobre essa base de dados comuns, de sondagens, de iniciativas assim, acho que seria muito importante, a gente tem um pouco de interface com isso a partir da questão da arqueologia e a gente chega a acompanhar isso um pouco, tem o Centro de Arqueologia de São Paulo que é vinculado ao DPH na Secretaria Municipal de Cultura que tem um pouco desses materiais históricos, (som ininteligível), o IPHAN também tem, então talvez a gente conseguir reunir um pouco isso porque o potencial Arqueológico é uma das nossas formas de preservação documental do patrimônio cidade e que interfere desde o processo de licenciamento até a questão mesmo de, a gente sabe que a gente afere um potencial, a gente não tem o conhecimento de onde está a ocorrência arqueológica ou não, mas a gente faz isso também com base na modificação do subsolo, então assim, a gente conseguir ter esses dados, contribuir com que a gente sabe e também a gente

poder ter esse mapinha específico depois, já estou colocando aqui a questão porque acho que seria muito importante, a gente às vezes faz isso baseado enquanto que a gente teve a verticalização naquela parte específica da cidade, a gente vai verificar o quanto que aquele subsolo foi ou não foi alterado, mas enfim, a escala ainda é muito caso a caso. Então a gente poder ter essa, às vezes, esse refinamento, às vezes alguns outros dados devem facilitar, mas são essas três observações, aproveitando esse debate já público, já resolve.

Participante não identificado: (Som ininteligível).

Patrícia: A ideia é colocar, não só os mapas, não vão ser todos né, mas os mapas intermediários e tudo que gerou de base de dados (som ininteligível). A questão da sondagem eu acho um super desafio né, (som ininteligível) mas no Alto Aricanduva tem o Parque do Carmo, uma melhorada até para indicar (som ininteligível) dos Parques. Essa questão, a gente discutiu bastante inclusive, o Francisco que trabalha no DPH (som ininteligível) a gente chamou para algumas oficinas, para ele ajudar. A ideia é a gente ficar mapeando todos esses depósitos que a gente chama de Antropogênicos (som ininteligível) a gente tem só alguns mapeados, mas para aparecer na escala 1:10.000 né, acho que seria superimportante.

Omar Bitar: (Som ininteligível). Quando for construir um prédio aqui do lado vai encontrar as mesmas características, uma ideia do que pode ser encontrado nas proximidades, mas para saber exatamente vai ter que (som ininteligível) geotécnicas vai se enriquecendo nessas informações sobre características do subsolo.

Luca Otero D'almeida Fuser: Até no compartimento histórico (som ininteligível) grandes movimentações de terras, de metrô, de retificação de rio, aterros.

Omar Bitar: (Som ininteligível) a gente consiga ter essa associação com a escala do mapeamento, isso é importante (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Luca, obrigada Omar e Patrícia, mais uma vez, aqui presencial, mais alguém questionando? Online, por favor, tem alguém, Conselheiro e conselheira? Então, passo a palavra ara o Carlos para agradecimento da Patrícia, do Sr. Omar e do Felipe, sejam sempre bem-vindos aqui conosco e passa agora para o Carlos para estar agradecendo e logo em seguida a próxima apresentação.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Não dá para desmerecer todos aqueles que vieram antes, mas as palestras, quando a gente fala de Geologia, quando a gente fala do que tem tudo a ver com o meio ambiente, que tem essa parte de planejamento, subsídios para Defesa Civil, para determinação das áreas de risco, a medição e acompanhamento de índices pluviométricos, são ferramentas e são mapas fundamentais para uma cidade como São Paulo que está sempre crescendo. Os desafios, acho que toda reunião eu falo isso, os desafios são enormes, uma cidade que não para de crescer, é uma cidade que continua de braços abertos recebendo gente o tempo todo. Pelos desafios que a gente enfrenta, que a Municipalidade enfrenta e pelos desafios habitacionais, existe uma tendência que a gente ainda não conseguiu superar de ocupação de áreas públicas para fazer habitação, muitas vezes e frequentemente áreas públicas que são protegidas e são protegidas também porque são áreas de riscos geológicos, mas na falta de educação, algumas pessoas vão lá, invadem, constrói seu barraco e depois a Prefeitura volta a ter outro problema que é fazer a proteção dessas áreas, tentar desocupar, pegar aquela população, aquele conjunto de pessoas que estão vivendo em áreas de risco e tentar realocá-las, são desafios diários da Prefeitura e o desenvolvimento, acompanhamento dessas Cartas geológicas, pluviométricas são fundamentais para que a Defesa Civil, para que a Secretaria de Urbanismo que estão envolvidas com esses assuntos de assistência e desenvolvimento social né, que tem quem trabalhar e a gente sempre lembra delas quando? Quando chega o verão, começa as chuvas né.

Participante não identificado: (Som ininteligível) na observação do Ramos, que assim, a Carta geotécnica é um instrumento de planejamento, (som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: A gente não pode esquecer do clima extremo, que são esses eventos...

Omar Bitar: (Som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Então, com isso, aproveitando aí, sem querer alongar que a gente tem mais uma apresentação. Daqui a pouco a Lili está batendo na minha orelha. Queria agradecer a participação do Luca, da Patrícia, do Omar, falar que eu pessoalmente estou embebecido com o nível de apresentação, convidar, chamar, a gente já trabalha junto, mas chamar o IPT para se aproximar cada vez mais da nossa Secretaria, os nossos técnicos, para compartilhar e para a gente trocar figurinhas, trocar informações e todos se beneficiam. É fantástico do trabalho que o IPT realiza, muito bacana que isso daí já está disponível para todo mundo, é importante chamar atenção né, isso daí já existe, está lá no GeoSampa e está no GeoAmbiental também, então para quem tem interesse sobre isso, para aqueles Conselheiros, para os convidados que estão vindo que a Prefeitura já disponibiliza os dados, mas quem quiser ter acesso está lá, talvez não tão detalhado, mas tenho certeza, o IPT,

o SMUL, a Secretaria do Verde está sempre à disposição para todo mundo, mas quem quiser saber mais um pouquinho sobre isso ou ter acesso aos mapas, a gente já tem essas camadas disponíveis no GeoSampa. Com isso, agradecendo muito a participação, a apresentação, voltem sempre. A gente segue com a nossa pauta que ainda temos e Lili vamos lá.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: O suplente Marcos Antônio dos Santos Romano, ele está presente, quer deixar para o final... Então a posse vai ficar por último. Passando agora para o quarto ponto do expediente: a apresentação do DPH e Proteção do Ambiente Urbano, pela conselheira Sra. Licia Mara Alves de Oliveira representante da Secretaria Municipal de Cultura. A Licia está aqui com a gente no presencial, quero agradecer imensamente a sua presença, já está aqui na tela e pode dar seus proseguintos, fazendo o favor, sua apresentação.

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: Bom dia a todos. Queria agradecer a oportunidade de a gente compartilhar um pouco do trabalho do DPH ao longo dos últimos 48 anos da preservação do Patrimônio Cultural na cidade de São Paulo. É interessante, acho que foi feliz a união das duas apresentações que de alguma forma a gente traz duas leituras e duas leituras absolutamente importantes, contemporâneas e fundamentais para sustentabilidade da cidade que é a leitura histórica da cidade, cultural e a leitura ambiental do trabalho que foi apresentado agora. Acho que de alguma forma elas se complementam e, enfim, oferece uma nova visão de cidade, a gente pensar isso, próximos passos. Eu sou a Licia, arquiteta do DPH, sou arquiteta de carreira, meu colega que é o Luca Fuser, também do DPH.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Seja bem-vindo Luca, Licia. Então vocês hoje estão apresentando para nossos Conselheiros e Conselheiras.

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: Vamos lá. Pensando um pouquinho aqui, voltando no tempo e pensando um pouco sobre nosso marco de proteção do patrimônio do Brasil, a gente tem um Decreto Lei nº 25 de 1937 que vai estabelecer o nosso marco legal sobre esta proteção do patrimônio cultural no Brasil. E aí nesse momento já se fala, constitui o Patrimônio Histórico e Artístico Nacional o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, que por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, que por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Essa é uma espécie de definição do que era um entendimento de patrimônio naquele momento, e aí ao longo desse Decreto Lei nº 25, ele já coloca no parágrafo 2, os bens que se refere o presente artigo e são sujeitos ao tombamento, monumentos naturais, ou seja, desde 1937, a gente já tem o entendimento dos monumentos naturais, dessa esfera ambiental também compassiva de proteção pelo patrimônio (som ininteligível). Aqui em 1968 a gente a criação do Conselho Estadual de Patrimônio Histórico, o CONDEPHAAT, que também tem a sua atuação, traz alguns tombamentos de áreas verdes até mais (som ininteligível) que é o tombamento da Serra do mar. Na cidade de São Paulo a gente tem, a partir de 71, o nosso primeiro Plano Diretor, Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado e com a posterior Lei de Uso e ocupação do solo, a definição da Z8 do Patrimônio Ambiental e do Patrimônio Cultural. A gente fica com a Z8 200 que posteriormente é regulamentada pela Lei de Zoneamento e se é publicado uma lista dos primeiros bens protegidos pelo Município, ainda um inventário feito pelos Arquitetos Lemos e Toledo nos anos 70, que é uma famosa lista COGEP, que era a Coordenadoria de Planejamento Urbano, na época, enfim, que fez o nosso primeiro inventário de bens protegidos pelo Município, até então, a gente já tinha os tombamentos, mas eram sempre empreendidos ou pelo IPHAN do Governo Federal ou pelo CONDEPHAAT, Governo do Estado, sempre dentro dessa esfera, essa proteção pelo Decreto 25. Já em 88, com a Constituição Federal de 88, a gente tem uma mudança de (som ininteligível), estou falando do patrimônio histórico como bens materiais móveis e imóveis, estou falando exatamente de coisas físicas, paisagens, enfim. Com a constituição de 88, a gente tem no artigo 216 um pouco a mudança de enfoque, por conta também das transformações de conceito de patrimônio que estão acontecendo ao longo dos anos. Constituem o patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos de formadores da sociedade brasileira. E aqui nos seus itens, novamente, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico, ou seja, de novo a gente tem a questão ambiental conversando com a proteção do patrimônio. E aí aqui como as formas de preservação que a Constituição prevê, os inventários, registros, vigilância, tombamento e a desapropriação, além de outras formas de acautelamento para se alcançar essa preservação dos bens. Em 1985, voltando para a questão Prefeitura, em 1975 a gente tem a criação do DPH dentro da Secretaria de Cultura, apenas em 85 que começa suas atividades em 88 e 89, a gente tem a criação do Conselho, o DPH em 70 vai desenvolvendo uma série de estudos e de reconhecimento do território urbano, da história da cidade, da cultura da cidade, mas quanto havia necessidade de propor uma proteção de um tombamento, sempre era encaminhado para CONDEPHAAT, na ausência de um Conselho aqui, esse Conselho vai chegar em 85 e vai começar legalmente em 85, mas de fato vai ser autuante perfeito a partir de 88 e 89, e aí sim começa os tombamentos municipais e a gente tem uma sequência de tombamentos cada vez mais ampla na cidade. E aí nas atribuições, na Lei de criação do CONPRES ele fala em promover a preservação e valorização da paisagem em ambientes e espaços ecológicos importantes para a mudança de qualidade

ambiental e garantia da memória física e ecológica, ou seja, de novo é um CONPRES, não falei, mas ele traz em si a questão ambiental e novamente aqui falando, vou ter permanente contato com organismos públicos e privados e daí a importância da gente estar aqui e de todas as parcerias que têm sido feitas, nos últimos anos elas têm sido super interessantes com os trabalhos com a Secretaria do Verde, entre outras Secretarias também, mas a do Verde acho que é uma das mais ativas e importante. Aqui de novo, sobre o Livro de registros dos bens naturais e Livro de registros de Parques, logradouros, enfim. Ou seja, isso é muito atuante e muito presente nessa Legislação também. Desde os primeiros trabalhos nos anos 70, que o DPH começa a desenvolver, ele tem como método de trabalho, utensílio de trabalho de entendimento da cidade a partir do patrimônio ambiental urbano, que eu coloquei uma definição do Ulpiano Bezerra de Meneses, ainda de uma revista de 78, o momento que estava se discutindo bastante esse tema e como é que ele (som ininteligível). O Patrimônio Ambiental Urbano é um sistema de objetos, socialmente apropriados, percebidos como capazes de alimentar representações de um ambiente Urbano, é visto inicialmente como constituído por um conjunto de bens, coisas físicas produzidas pelos homens, artefatos ou a natureza transformada em objeto de ação cultural, incorporado pela vida urbana, trata-se de paisagens, espaços, construções, objetos móveis também cujo sentido se manifesta não por si mas pela articulação em que entre si se estabelecem e dá suporte, ou seja, essa visão de patrimônio já não é monumental, não é apenas um (som ininteligível) isolado de um ambiente, de uma cultura. (Som ininteligível) justamente incorporando uma série de outros valores, que não só o grande feito artístico, ou uma grande obra de arte.

Luca Otero D'almeida Fuser: A gente vai apresentar também um pouco de uma perspectiva muito mais para a gente trazer aqui para o CADES e para todo mundo que está compondo o CADES, qual é o parâmetro de atuação do DPH no nível Municipal atualmente também, esse nosso histórico, essa forma de pensar e onde que a gente vai ter essas interfaces. A gente vai ter, depois da Constituição, a priori pelo tombamento, a gente tem cinco instrumentos que são os instrumentos pelos quais o patrimônio cultural é reconhecido e proposto a preservação, além de uma ação de gestão mais específica, como que a gente formalmente vai estabelecer esse conhecimento. Primeiro de todos o tombamento, (som ininteligível) por essa questão de aspectos materiais entendidos nessa perspectiva das mais diversas formas, aí acho que é importante a gente diferenciar qual que é o papel do Ecológico, do ponto de vista do patrimônio cultural e de um ponto de vista apropriado a partir da gestão ambiental do próprio planejamento urbanístico vinculado a isso, a gente vai pensar na apropriação dele, de uma vinculação muito mais específica para aqueles lugares, vamos trabalhar isso um pouco mais, vai ficar mais claro depois, mas só para a gente já entrar nesse ponto, o Registro das práticas culturais dos bens materiais, ofícios, fazeres, celebrações chamado patrimônio material, a ZEPEC-APC que é um tipo de enquadramento que a gente tem vinculando o uso, criado em nível Municipal pelo PDE de 2014, com a regulamentação mais recente, uma atuação mais recente que a gente tem trazido e outros dois inventários, Selo de Valor Cultural e Memória Paulistana, inventário entendido lá naquela parte da Constituição como uma forma da gente documentar, registrar e a partir daí a gente estabelecer uma proteção pelo conhecimento, pela divulgação, são coisas que a gente necessita difundir, explicitar, expor e trazer que muitas vezes foram apagadas. Trago também numa interface que a gente teve com o pessoal aqui do Verde (som ininteligível) que a gente fez algumas placas sobre a educação ambiental em São Paulo e como isso faz parte também dessa memória, de como que a cidade foi lida, como a cidade foi feita, primeiro Centro de Educação Ambiental, a Educação Ambiental na Zona leste, Zona Oeste isso como que também é uma camada de memória hoje em dia, já tem 40 anos de muitas dessas coisas, mas e aí a gente também tem que entender a nossa própria memória, nossa própria ação que já foi feita, enfim, essas várias camadas que compõem a cidade. Alguns desses tombamentos que foram feitos ao longo do tempo, o bairro do distrito da Bela Vista com a suas subáreas, suas envoltórias, quando se passa pela 13 de maio, pela Rua Rocha, o que tem de patrimônio lá é a partir do reconhecimento Municipal e esse rótulo a gente quem segura. A questão dos tombamentos também dessa área da Liberdade né, do famoso inventário Geral de Patrimônio Ambiental, Histórico e Cultural do GPAT que foi feita em toda essa região da Liberdade, do caminho da (som ininteligível) lava pés, Glicério, Aclimação, perto acabam os perímetros que a gente tem de proteção, os roxos

São imóveis tombados no GeoSampa, (som ininteligível) você vai pegar algumas áreas que não foi feito, você vê um vazio de tombamentos né, e aí a gente tem essa atuação que é um pouco paulatina e que a gente tenta sempre conseguir analisar e entender o que que esse patrimônio do ponto de vista hoje em dia, e aí, enfim, as camadas históricas, o reconhecimento, nem vou entrar pelo avançado da hora nisso, mas aí dá discussão também. E agora uma discussão, só uns três minutos a mais, sobre o que que é o Valor Ecológico, trazer atuação do CONDEPHAAT nos anos 80 e por que que a gente tem essa vinculação, às vezes tão forte né, importante trazer que o CONDEPHAAT, ele é criado em 68 e nos anos 70, 80 pela atuação da (som ininteligível) e pelo pessoal lá, especialmente da geografia da USP, eles vão ter uma atuação até antes dos órgãos de Meio Ambiente, então eles acabam tendo que se deparar com algumas questões de pressão de urbanização, de desmatamento que quando estavam colocados não tinha órgão que tratasse e a partir daí que eles começam a debater algumas diretrizes e possibilidades de ação referentes as áreas ecológicas ou as áreas geológicas também, e aí uma série de tombamento é

feita, a Serra do Mar é icônica nisso, a primeira ação de proteção que tem na Serra do Mar é pensando nesse maciço inteiro né, ou seja, o pensamento do maciço não é o pensamento do Municipal, uma atuação extremamente interessante, querendo ou não, hoje em dia agente vê a efetividade dela, na medida que a gente consegue falar, olha isso aqui é a Serra do Mar, aqui a gente tem um patrimônio preservado, muita parte daquilo foi recuperado e a partir da atuação de tombamento do CONDEPHAAT nos anos 70, 80, Cantareira, antes da Constituição Estadual, num momento de redemocratização super tenso. Aí a gente está vendo esse alargamento da noção de patrimônio antes mesmo dos novos grandes marcos, Constituição Estadual, Constituição Federal, ação do meio ambiente, e quais são essas diretrizes que o órgão Estadual vai ter, ordem de serviço já é uma consolidação de um debate que eles tinham anteriormente, Serra do Japi, um monte de tombamentos em níveis estaduais que estão super relevantes, não é pouca coisa.

E aí eles pensam o que, essas paisagens naturais que se destacam não só pela vegetação nativa e pela fauna, cuja espécies se acham que fase de extinção como pelas características geomorfológicas, geológicas, pedológicas, hidrológicas e arqueológicas, então são essas junções de fatores, a partir daí a gente vai ter, qual é a distinção de um manejo comum que a gente vai poder debater posteriormente e qual a distinção do patrimônio cultural e do reconhecimento ecológico colocado aí, das formas de vegetação nativa remanescentes especiais das áreas onde estejam ameaçada de extinção eminente e de vegetação secundária que se destaca pelo seu valor científico ou pela escassez de formas originais. A gente está pensando em um pensamento que dá para ver o reflexo do que você pensa nesse retórica da perda no patrimônio sendo pautado pela escassez e não por uma gestão mais comum e uma junção muito da especificidade dos objetos, por isso que a gente tem que olhar com um olhar muito especial para a Serra do mar que é um bem tombado em nível Municipal também, da própria Cantareira que também é bem tombado e a partir daí que a gente também debateu alguns dos nossos outros tombamentos a nível Municipal, o Jaraguá é uma questão a ser debatida, para além da questão de envolvida, que a gente tem que debater também como a Serra do Mar, a questão Cratera de Colônia, mas recentemente a gente teve que retomar um pouco disso por conta do Jardim Alfomares que é uma área muito menor do que tudo isso daí, porém, chegamos a ver alguns indícios dessas diretrizes (som ininteligível) do CONDEPHAAT que seriam aplicáveis a nível Municipal, o CONDEPHAAT vai tratar do nível Estadual (som ininteligível) da cidade. Assim como outros lugares também, a Serra do Periquito, a gente também vai ter o Morro do Papagaio, eu acho, Morro do Cruzeiro lá na parte do São Mateus, uma série de áreas que a gente vai debater, Parque do Carmo é uma coisa que também a gente talvez tenha que debater eventualmente no momento e tudo isso para falar que são essas atuações e interfaces, são coisas que se misturam, mas elas têm olhares ligeiramente distintos. O Parque da Luz de Ibirapuera, por exemplo, já é legal a gente debate isso, aqui são todas as áreas de Parque, por outro lado elas têm uma vinculação muito com um projeto urbanístico, projetos arquitetônicos, com apropriações dessas áreas naturais pelos, enfim, projetos arquitetônicos históricos envolvidos né. Água Branca, Ibirapuera, Aclimação, todos esses a gente tem esse projeto. O Augusta já está aí, a gente não pode nem falar que não está, senão a Tamires ia brigar comigo, mas a gente teve uma interface bem legal, assim, de apropriar essa questão do Bosque né, do (som ininteligível), da história antiga, na ocupação do Augusta, mas enfim, isso já são mais áreas de Parques que não se assemelham tanto quanto essas questões de valor ecológico inerente. Aqui algumas imagens, Estadual das Fontes do Ipiranga, Cratera de Colônia, como a gente falou, que é uma questão de geomorfológica incrível e uma situação delicadíssima na Zona Sul, a gente tem um acompanhamento super próximo aí do MP em relação a essa ocupação aí no meio, que já é um bairro consolidado (som ininteligível). E se aproximando aos Parques na medida que a natureza apropriada a gente vai ter as questões dos bairros Jardins, Interlagos, Sumaré, City Lapa, o próprio Jardim Europa, América, Paulistano, Perdizes, a gente tem toda essa interface, está no GeoSampa como tombamento ambiental, mas eu chamo de tombamento de projetos urbanísticos, para a gente saber distinguir onde que é o que, uma coisa se é ecológico, outra coisa são esses projetos urbanísticos ou até mesmo esses objetos mais específicos. Tudo isso a gente pode falar que são os conceitos, quando a gente vai falar de ambiente, óbvio que a gente está falando de qualificação da cidade, do habitat, do meio ambiente, a gente se (som ininteligível) das ODS, mas são essas as interfaces. Esse tipo de coisa que a gente tem que preservar, por isso que a gente vê, inclusive, que é uma questão de urbanismo, de projeto urbanístico, loteamento, traçado, gabarito, recuo, parcelamento e a vegetação também, quais peças foram usadas e como se pensou a permeabilidade naquele espaço. Além disso, também pensou na regulamentação das envoltórias, no ponto de vista do patrimônio, ou seja, não é uma questão de área de impacto ambiental, nem área de impacto de vizinhança, mas uma questão, muitas vezes de forma de ocupação e documentação do espaço. Aqui também temos várias diretrizes, como que aquilo não vai interferir ou vai interferir de uma forma harmoniosa (som ininteligível) aquele objeto. E outro aí, o Ipiranga, só isso daí que a gente fez, na regulamentação de um eixo, entre outros espaços né, que nem o Sítio Morrinhos que tem a própria questão dos Beneditinos lá atrás, que é a sede do CASP hoje em dia. Casa Modernista, mais uma vez a gente tem a vinculação com o planejamento também da Chácara Klabin, perto do Parque Modernista tem tudo, enfim, tem muito imbricamento dos processos históricos. Instituto

Butantã, UNASP. E aí a gente teve algumas interfaces recentes, a questão do Ibirapuera, um ponto de atenção muito grande nos

Órgãos de preservação aqui também é, e a gente teve a questão da (som ininteligível) aprovada recentemente no CONPESP. Até mesmo uma sala tão grande que nem a Serra do Mar até o jardim de um prédio que a gente vai pensar o Paisagismo do Bule Marx vinculado a isso. São várias interfaces que a gente coloca, até por isso que a gente decidiu, eventualmente, depois de algumas décadas de atuação, dar uma regra nesses fluxos e debater um pouco mais aonde que vai o manejo, aonde que vai cada coisa e até pelas expertises. Então em 2013 a gente teve essa resolução editada pelo CONPESP estabelecendo alguns fluxos de manejo em que o Verde, a SMSUB e o DPH CONPESP, SMUL também, essas particularidades de como devem ser feitos os manejos, como se aplica esse caso de projetos urbanísticos né e agora a gente está reformulando ela a partir desses 10 anos de aprendizado e também pensando nessa diretrizes para que a gente, enquanto Prefeitura, tenha uma atuação mais afinada e eficiente também né, mas que não perdendo de vista as questões de preservação. Agora só para explicitar o que a gente está falando, para explicitar o que a gente é, que às vezes ficam sempre um pouco mais nebuloso, passamos por uma reestruturação recentemente, vai voltar o nome, o Decreto vai voltar, o Decreto ainda está no forno, ainda não saiu para a “padaria”, mas vai voltar e atualmente a gente tem essa divisão, em três divisões do DPH que é de valorização, arqueologia e a preservação do patrimônio, eu coordeno identificação e tombamento, que reconhece esses novos bens, projeto e restauro de conservação é quem analisa essas propostas de intervenção, projeto paisagístico, se está tudo ok com essa questão do manejo, monumentos e obras artísticas tem essa vinculação do acervo de obras em espaços públicos, que vira e mexe também tem interferências aí, mas só para se saber, isso daí está tudo no site do DPH, caso vocês, só para saber como que é mais ou menos esse funcionamento. Eu costumo falar que o DPH tem um caráter duplo, a gente é assessor do CONPESP que é o equivalente ao CADES em nível cultural assim e a gente é integrante da Cultura, então a gente responde para a Secretária, a gente responde para o Presidente do CONPESP, então a gente faz as duas coisas, as vezes a gente faz tudo ao mesmo tempo, geralmente né, e a gente tenta unificar os fluxos da maneira mais fácil possível. E para você saber o que que é tombado, o que não é, só para aproveitar, sugerimos sempre a consulta em duplicidade do City, o cadastro de imóveis tombados para quando vocês têm as SKL né, quando tem o lote fiscal já em área urbana e a página de resoluções do CONPESP que é onde estão todas as resoluções de 88 até hoje, de regulamentação de área envoltória, de arquivamento do que foi tombado no dia, de tombamento, de abertura de processo, então você vai lá e confere o que você está procurando também e, por fim, do GeoSampa que tem os bens protegidos, a gente está conseguindo desde 2019 por uma publicização muito maior de tudo isso, então quando vocês forem ver assim “Ah será que eu posso fazer um jardim de chuva aqui”, aí o pessoal da SUB pode ir lá e abrir o pessoal do bens protegidos ou de todas essas vinculações e aí é constantemente atualizado, a gente tem todo esse trabalho de tentar vincular e por isso mesmo que eu comentei na apresentação da Patrícia, como que a gente pode trabalhar essas camadas, o GeoSampa é incrível e trabalhar essas formas né, não só bens tombados, mas todos os bens protegidos são os que tem alguma forma daqueles cinco instrumentos que eu falei lá atrás e tem os bens arqueológicos também que precisam ser considerados, tanto por conta das envoltórias, quanto pela legislação do IPHAN específica.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: (Som ininteligível) diversos relacionamentos, ou seja, tem que pensar em patrimônio histórico, você tem que pensar em desapropriação, você tem que pensar em educação ambiental, se você pensar nisso tudo e falar “Cara, é um absurdo, a quantidade de coisas que para você levantar uma casa você tem que fazer”, e o GeoSampa de uma forma relativamente simples dá essas soluções. Você já abre e vai ver aquele local específico, qual é o zoneamento, tem proteção ambiental, você está do lado, dentro, (som ininteligível) mas eu chamo sempre a atenção, nós Prefeitura utilizamos muito o GeoSampa, o GeoAmbiental, o cidadão tem que ser educado e aprender que é essa a

Ferramenta porque a gente já sabe, a gente usa todos os dias, mas o cidadão você ouve muito pouco (som ininteligível). A gente faz pouca propaganda de algumas ferramentas fabulosas que a Prefeitura tem, GeoSampa, as diversas camadas (som ininteligível) terem uma ideia daquele espaço, o que que está acontecendo.

Luca Otero D’almeida Fuser: O final é a conclusão, pode ir seguindo, depois a gente abre para as perguntas, várias camadas que a gente tem, cada uma dessas aí é um mundo de explicações e já são 12h10. Mais monumentos...

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Zoneamento, proteção ambiental, rios e córregos, SQL.

Luca Otero D’almeida Fuser: A cota geotécnica atualizada, porque fala assim, cota 750...

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: (Som ininteligível) obrigação da Prefeitura manter tudo isso aí atualizado.

Luca Otero D’almeida Fuser: Mas é bom a gente unificar as ferramentas, obriga a gente usar a mesma ferramenta do cidadão (som ininteligível). A página de resoluções do CONPESP é a ferramenta dos séculos (som ininteligível), lá está o índice de tudo, não tem versão interna e externa, o GeoSampa tem, é importante que tenha, mas quanto mais a gente normalizar tudo como a gente trazer repercussões conjuntas, a gente ganha.

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: Só queria complementar uma parte importante, apareceu meio tímida nos slides, mas que são esses (som ininteligível) precisa passar por uma análise técnica que não é apenas uma análise burocrática (som ininteligível) e chegando aqui na questão do GeoSampa, o quanto é importante que você tenha todas essas camadas, que para o Arquiteto, projetista e (som ininteligível). As relações entre bens tombados, entre a natureza, zoneamento, enfim, o GeoSampa oferece isso muito claro para a gente, é claro que temos uma certa habilidade de fazer isso todos os dias, o dia todo, mas eu acho que para os Arquitetos, para quem está desenvolvendo (som ininteligível). E aí só queria destacar esses trabalhos, é importante o que a gente fez em parceria com (som ininteligível) uma camada histórica que cria um outro caráter para o Parque, realmente é um dos trabalhos mais... dos últimos anos, assim, gostosos de lembrar, até mesmo pelo momento difícil de pandemia e tal. E aí a parceria que estamos fazendo também pelas concessões entre parque (som ininteligível) pensando nesse cuidado com os bens tombados (som ininteligível) de tudo que está acontecendo, que está sendo (som ininteligível) que é um convênio entre os três órgãos, IPHAN, CONDEPHAAT e DPH CONPESP e que se discute com objetivo comum, de dar uma única resposta para o interessado (som ininteligível) e acho que estamos trabalhando, estamos crescendo a cada dia e afinando, mas com um objetivo claro de ter uma boa gestão e um (som ininteligível) para todos né. Eu brinco e falo que é um casamento, ele vai ter que durar pelo menos 30 anos, então é bom a gente se entender.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Licia e Luca. (Som ininteligível) mas primeiro vou dar a palavra para a Maria de Fátima que levantou a mão primeiro, aqui na parte online, logo em seguida vai ser o José Ramos, a Lígia e a Patrícia. Por favor, Maria de Fátima.

Maria de Fátima Saharovsky: Bom dia a todos, prazer estar aqui nesse debate. Meu nome é Maria de Fátima, sou representante do Centro Comunitário São Pancrácio que é uma ONG aqui na Capela do Socorro, Bairro de Interlagos e faço parte dos Conselhos também do nosso território que é o CADES Regional e das Apas Bororé-Colônia e Capivari-Monos. Bom, estou acompanhando atentamente esse tema que nos interessa muito, tanto no território como um todo, como também no bairro onde eu resido que é o bairro de Interlagos. Já foi citado nessa exposição pela Licia e pelo Luca que o bairro de Interlagos é um bairro tombado, pelo CONPESP e graças a isso nós temos o bairro protegido de alguma maneira porque, inclusive, nos trouxe a possibilidade de criar bloqueios móveis e também é uma zona estritamente residencial e ambiental se vê que é um bairro que tem muitas áreas verdes e o bairro de Interlagos, os moradores plantam, tem muitas árvores, nós protegemos, tanto a biodiversidade como também temos aqui dentro o Parque Municipal Jacques Cousteau custo, que é um parque que tem os remanescentes da Mata Atlântica com mata ombrófila densa, temos também nascentes, temos o lago, enfim, é um bairro muito bonito e por que eu estou dizendo isso, porque esse bairro faz parte de um contexto histórico que vem desde o começo do século passado com a construção da represa Guarapiranga e também fica entre a represa Billings e tem todo um conjunto histórico, desculpa me estender um pouco, mas é que para fazer a minha pergunta eu preciso expor esse contexto, o bairro está entre dois Mananciais e ele faz parte de um contexto histórico porque a própria estrutura dele de planejamento já está tombado e junto com esse planejamento na época da construção, se construiu o autódromo de Interlagos as vias Atlântica e a Avenida Interlagos, Washigton Luis e o Aeroporto de Congonhas, então veja, é um bairro que está dentro de um contexto histórico, inclusive. Então eu vejo com o desenvolvimento urbano, o que vem acontecendo é todo esse conjunto histórico está se perdendo, não só por construções, tudo que acontece que já foi citado, como também pelas ações de atividades de comércio, de indústria, de eventos culturais, enfim, nada disso respeita a condição que o bairro traz, então o que a minha pergunta é se o bairro de Interlagos é tombado pelo Patrimônio Histórico e na área envoltória dele existe ambientes históricos, como fazer para que esses ambientes históricos culturais e que tem uma biodiversidade ainda remanescente, como fazer para que se coloque também esses elementos dentro de um tombamento? Porque nós acabamos sendo, como bairro tombado, acabamos sendo área envoltória de, por exemplo, equipamentos públicos que acaba degradando o ambiente que nós protegemos. Essa é a minha pergunta.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Maria de Fátima, a gente vai fazer blocos, aí eles vão responder tudo junto. Por favor, Sr. José Ramos. Logo em seguida a Lígia e depois a Patrícia.

José Ramos de Carvalho: (Som ininteligível). Recentemente participei de uma reunião do CONFEMA, (som ininteligível) representando aqui esse CADES Municipal (som ininteligível) e nós tivemos uma boa notícia dessa parceria (som ininteligível) ...

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigado Sr. José Ramos e vamos conversar sim sobre o seu projeto. Vamos marcar e vamos ver esse projeto seu aí. Agora a Lígia, por favor, em seguida para a Patrícia e logo depois vamos para a posse e encerramento.

Lígia: (Som ininteligível).

Patrícia: (Som ininteligível) a questão da paisagem né, o quanto é um serviço ambiental (som ininteligível).

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Bela pergunta Patrícia. É uma provocação, é uma provocação. Vamos passar para a Licia e para o Luca para as três questões, por favor, da Fátima também.

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: Vou começar pela Fátima (som ininteligível) todos nós participamos, todos os Parques tombados a gente participa dos Conselhos (som ininteligível), como somos poucos e os parques felizmente muitos, mais do que a gente dá conta, a gente não consegue ir em todas as reuniões mensais, mas a gente se disponibiliza em qualquer questão, uma porta aí para conversar, uma porta a mais para se resolver as questões. Acho que a questão do Interlagos é bastante complexa, a gente tem um Parque tombado com uma população bastante atuante, do nosso ponto de vista, um dos primeiros tombamentos que é transferido a análise técnica para a própria Subprefeitura porque ele está todo bem amarrado, historicamente ele vem de um processo de ocupação da cidade (som ininteligível) organização de um projeto maior, de uma Balneário, para assim dizer, ali na região, um potencial turístico da Guarapiranga, então para a gente, toda aquela paisagem eu junta esse urbanismo da paisagem possuída de uma paisagem natural, se tornou natural (som ininteligível), mas enfim, ultimamente tem sido realmente muito (som ininteligível), eu acho que a gente tem que mediar a situação né, a gente vi ter que chegar num consenso para o novo uso daquele espaço (som ininteligível), mas de alguma forma a gente acho que tem que repensar essa proteção e esses valores do bairro e aí (som ininteligível) que precisa, que tenha um valor histórico também, que tenha um uso e equilibrar como é que a gente vai fazer isso né. No mundo inteiro os bens protegidos ou de interesse cultural são ressignificados, são atualizados, tem novos usos, enfim, tem que ser respeitoso a aquele contexto. Então, acho que em algum momento a gente vai partir para essa conversa de uma forma mais efetiva e resolver mais, ter respostas para esse assunto, eu acho que não é uma conversa apenas do patrimônio (som ininteligível) precisa ser iniciado, a população de Interlagos é super atuante, me parece que depois do final de semana do (som ininteligível) a gente está mais perto dessa conversa. Em relação ao Clube, eu dei uma olhada aqui, eu acho que ele é o antigo Clube que hoje é um Centro Esportivo né.

Participante não identificado: Ele é um clube (som ininteligível).

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: Eu acho que todo e qualquer edifício que a população reconheça um valor cultural, (som ininteligível), ele pode ser solicitado o tombamento, ele não é tombado, mas a qualquer momento vocês podem fazer esse pedido, é um processo bastante democrático, inclusive.

José Ramos de Carvalho: (Som ininteligível).

Licia Mara Alves de Oliveira Ferreira: É feito esse pedido, é avaliado inicialmente né, uma vez reconhecido a abertura de processo tombamento votado pelo CONPRESP que é um Conselho plural né, com várias representações e aí por volta esse estudo e é pensado se é um caso para ser, mas enfim, pode ser solicitado. O Parque do Trote, a gente, alguns anos atrás analisou que as estruturas estão bem, enfim, tem algumas questões e foram analisados alguns procedimentos e acho que é isso, o tombamento em si ele não traz para o Órgão, Conselho a exigência, a responsabilidade na preservação dele, na verdade todos os imóveis têm proprietários, seja público ou privado e é a quem deve proceder essa conservação. Tombamento de nascentes vou deixar para o Luca e vou falar do TDC que está mais dentro do meu setor, então está ali (som ininteligível), de fato, é a única política de incentivos que a gente tem e ela tem crescido enormemente. Nossas demandas são enormes, são muito grades a procura, a busca por informação, acho que ela também precisa ser afinada, a gente tem, principalmente nos últimos cinco anos né, que esses pedidos foram ampliados, a gente tem discutido, tem pensado, está ali numa fase de colher resultados e repensar, redirecionar alguns pontos. Exatamente, ela é muito boa no sentido que traça um incentivo fiscal para quem tem que conservar algum imóvel, é isso, a conservação da sua casa, sua você tem que conservar, tem que restaurar e isso tem tempo, tem custo. Pensando em edificações históricas muitas vezes tem uma certa peculiaridade arquitetônica, esse custo amplia. Então é um incentivo para conservação dos imóveis, ela é bem-vinda, mas é isso, tem muita coisa ali que precisa ser afinada.

Luca Otero D'almeida Fuser: Eu vou aproveitar o gancho, que a gente está falando de TDC né, acho que é uma das políticas que tem, de fato, trazido uma retribuição ou alguma forma de incentivo, compensação, até baseado em como que aquilo é o que seria direito da propriedade, que deixou de ser por conta da ação né, as duas coisas que tem TDC não é a toa (som ininteligível) no caso, a gente está tratando desses direitos difusos coletivamente que são aí, de certa forma, discutidos junto aos proprietários e aí acho que afinar isso daí é uma questão super dedicada, assim, pessoalmente eu acho que é bem-vindo, teve algumas mudanças no último Plano Diretor que a gente ainda nem fez o balanço dela já que foi a gente que propôs, mas o que a gente tem para pensar é que tem uma forma que depois de décadas a gente dá alguma coisa um pouco mais palpável para debater a manutenção do patrimônio cultural na cidade, acho que a gente tem que avançar ainda mais. Em relação ao PSA, ou serviços ambientais, acho que isso é um debate que deveria porque tem muitas vinculações em relação a isso e aí o escopo atual do PSA que começou recentemente aquilo no Verde é incrível, eu acho que é essencial também, é uma vitória para estourar, precisa começar né, fazer política pública todo mundo que é do setor público sabe que é aquela coisa né, para você por a primeira pedra lá é difícil e depois você vai melhorando

isso ainda na trajetória, talvez, quem sabe, acho que as próximas edições a gente possa compatibilizar algumas coisas, não digo nem exatamente essa questão, aí eu acho que a gente deveria DTU, tributação né, já que se você tem uma área envoltória, então você tem uma qualidade de vida maior, não sei, tem muitos balanços aí que são balanços além do patrimônio, mas em termos de serviços ambientais a gente poderia pensar vinculações especificamente dessas outras áreas, áreas de encosta que a edificação é muito limitada por conta do patrimônio, áreas geológicas, onde que a gente pode ter essas vinculações mais cuidado para além da agricultura que é o foco atual do PSA. É o primeiro PSA? Está na lista de debates para fazer.

Daí em relação a tombamento de nascentes né, de novo, são interfaces que a gente tem em relação a essas apropriações e confirmações geológicas. Eu acho que o ponto do patrimônio é delicado que a gente é muito acionado como forma de impedir algumas coisas, aí a gente tem duas formas de debater, a gente tem que debater quais são os cultos que as coisas tem que ter, isso enquanto sociedade né, qual o projeto que deve ser feito, que nem essa questão, por exemplo, de um CDC, então é um projeto interessante, é um projeto respeitoso, (som ininteligível) desse ponto específico, mas será uma camada que a gente tem que colocar as propostas de verticalização, de planejamento urbanístico, elas estão atendendo a sociedade de forma ampla, de suas diversas formas e nas suas características? São questões que a gente tem que debater E aí eu bato muito também debater quais são esses aspectos de valor cultural histórico, geomorfológico, ecológico, paisagístico e (som ininteligível), então assim, em alguns momentos a gente já tem tombamento de nascentes, é uma questão que a gente deveria incorporar como áreas de nascente, porque elas são né, aí a gente já trouxe isso porque tem o tombamento da Chácara da Fonte, lá do Butantã, que é uma delicadeza (som ininteligível), elas estão agora em pauta, mas acho que é um amadurecimento das interfaces que a gente tem que ter, no Bexiga isso também é um debate que tem surgido com força e que há processo em análise em relação a isso, não só das intervenções mais em relação à preservação desses aspectos e que a gente tem que ver desse jeito, na Chácara do Jabuticabeiras teve essa questão também, a gente teve o quê nesse caso, uma delimitação de área envoltória específica em relação a isso na proposta técnica né. Então, na verdade penso assim, isso daqui precisa de ter uma diretriz específica de gabarito e recuo para que a gente tenha uma possibilidade que caiba, mas assim, tem todo o debate de quanto que essa geomorfologia compõem a paisagem da cidade e aí escalas que eu acho que a gente tem muito a avançar que é um pouco dessas escalas, como estava falando da Carta geotécnica, de paisagem e essas vinculações, tanto entre cultura verde, SMUL (som ininteligível), mas como que a gente vai debater isso, porque não é só debatendo, as vezes ter um córrego canalizado, mas essa (som ininteligível) já faz parte daquela daquele bairro. E como você formula isso? A gente tem pensado um pouco, às vezes, no uso de memória paulistana, outros também sejam caso de tombamento, mas enfim, é um aspecto que tem se fortalecido de uns 10 anos para cá, eu diria, a relação das Nascentes, das águas, dos rios na cidade e eu nem vou colocar assim "O que que é várzea em São Paulo", se a gente for fazer de volta (som ininteligível) que São Paulo é uma concepção de várias (som ininteligível) e esse é um ponto dele que define São Paulo e a gente talvez tenha que avançar algumas questões também ou trazer isso nas nossas análises né, participei da revisão intermediária do PDE, enquanto representante da Cultura, (som ininteligível) acho que não era o espaço de a gente colocar isso porque era intermediário. Quem sabe a gente em 2029 possa fortalecer o impacto nisso, a gente tem que pensar como fazer isso ou até o que tem de análise para propor né, e aí eu vou pegar o último gancho..., mas pode falar.

Participante não identificado: A gente foi "cobrado", muita gente pergunta, vai ter um mapeamento de áreas de nascentes na geotécnica, a gente (som ininteligível), até porque a localização da nascente é uma coisa que é (som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Aqui na Secretaria a gente tem uma camada para atender a área da OIDA né, a gente tem as áreas de proteção de nascentes, ou seja, não são (som ininteligível).

Participante não identificado: (som ininteligível) que ele fala que é um super problema mapear nascentes, (som ininteligível).

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Nascente não é ponto geográfico.

Participante não identificado: Então é isso. (Som ininteligível) e vocês que são novos, fiquem na prefeitura, usem a Carta Geotécnica e façam um Plano Diretor de tão (som ininteligível).

Luca Otero D'almeida Fuser: A gente teve esse embasamento aí, e são essas questões, a apropriação delas é uma questão nossa, a gente tem (som ininteligível), nascentes, córregos, rios na cidade (som ininteligível).E por final, acho que tem também essas interfaces de gestão Gerais né, a partir do que a Licia já falou, zoneamento e de outras questões que podem ser trazidas, a Maria de Fátima comentou, acho que zoneamento é o que define o uso, tombamento não define o uso, então assim, daí a decibel está muito alto, está muito baixo, a atividade comercial pode ou não pode, o zoneamento está em revisão atualmente e é isso aí.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: Obrigada Luca, obrigada Licia, é sempre bom estar com os nossos servidores da Secretaria Municipal de Cultura nas nossas apresentações, nossos parceiros, e sobre PSA, eu estou a frente, a

Secretaria do Verde junto com o Rodrigo e qualquer coisa se precisar de ajuda, alguma coisa, conte comigo, a Patrícia na sexta-feira temos uma reunião já para estar finalizando essa parte da primeira etapa do PSA né, conte conosco para o que vocês precisarem, só me conectar que eu estou à frente disso aí. Então vamos agora para a posse e reta final, que já vai dar 13 horas e tenho reunião às 13 horas.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Marcos, você está aí Marcos?

Marcos Antônio Santos Romano: Atrasado, mas estou aqui.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Está desligado o seu microfone.

Marcos Antônio Santos Romano: Está ouvindo agora?

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Agora melhorou. Agora sim. Bem-vindo, pela segunda vez vamos dar posse ao Marcos Antônio Santos Romano, considere-se empossado, olha, é a segunda posse do dia hein, então a responsabilidade é dobrada.

Marcos Antônio Santos Romano: Muita responsabilidade.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Isso. Marcos, muito bem-vindo, tirando a brincadeira fraterna, muito bem-vindo, considere-se empossado, você já viu aqui que o nosso ambiente é razoavelmente descontraído, a gente consegue falar de coisas muito importantes, muito sérias, com um sorriso no rosto né, porque os desafios são o que a gente vai fazer no futuro, aqui a gente discute os desafios e como confrontá-los, como mitigá-los. Então, bem-vindo e se você quiser fazer algum tipo de declaração ou se apresentar, o microfone está aberto para você.

Marcos Antônio Santos Romano: A minha declaração é que eu sempre estive junto da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, para quem não me conhece, eu estou na Prefeitura há 37 anos, não pretendo ir embora tão cedo. Estou à disposição, como suplente lá da (som ininteligível), mas tem outros assuntos aí que muitos amigos que estão aí presentes já participaram em outras ocasiões na Secretaria do Verde, na Secretaria de Infraestrutura, estou disponível, obrigado pela recepção, sucesso para todos nós e sabem onde podem me encontrar.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Marcos, bem-vindo

mais uma vez, que seja longa a sua participação, que seja produtiva e agradeço aí a sua disponibilidade junto ao CADES.

Liliane Neiva Arruda Lima - Coordenadora - SVMA/CGC: É bom a gente falar, cortando um pouquinho o Senhor. Ontem o Secretário Rodrigo Ravena foi receber o selo de transparência e boas práticas de gestão pelo segundo ano consecutivo à Secretaria do Verde. Então eu quero dar essas boas notícias aqui para os nossos conselheiros e conselheiras né, que já é o segundo ano que a Secretaria do Verde recebe esse selo, então em nome do nosso Secretário Rodrigo Ravena, eu estou dando esse comunicado, essa é uma notícia excelente né Carlos. E passo agora novamente ao nosso Presidente da mesa para encerrar a nossa reunião de hoje e a próxima reunião será dia 18/10 às 10 horas.

Carlos Eduardo Guimarães Vasconcellos - Presidente do CADES: Bom, antes de encerrar queria agradecer a presença da Patrícia, o pessoal da SMUL, IPT, a Licia, o Luca e principalmente aos nossos conselheiros né, a nossa audiência, aqueles que continuaram, mesmo distantes, com a gente, durante esse tempo aproveitaram para quem sabe aprender mais uma coisa como todas nossas reuniões a gente aprende, troca informações e cresce. Para que que a gente cresce? Para fazer São Paulo crescer. É um trabalho incessante, desafiador e a gente faz isso todo dia. A gente trabalha, dá o melhor e como a Lili falou, estamos recebendo prêmios, a Prefeitura segue em frente. Então é o meu privilégio, eu acho que o privilégio de todos os funcionários, de todos os conselheiros, estar aqui e representar a cidade de São Paulo junto ao CADES, dentro da gestão do nosso Prefeito Ricardo Nunes. Meu agradecimento, meu abraço fraterno a todos e nos vemos na próxima reunião. Dessa forma, dou por encerrada essa reunião, abraços.

São Paulo, 13 de setembro de 2023.

## RODRIGO PIMENTEL PINTO RAVENA

Secretário Municipal do Verde e do Meio Ambiente e

Presidente do Conselho Municipal do Meio Ambiente e

Desenvolvimento Sustentável - CADES

Documento: [090306655](#) | Resolução

Resolução nº. 254/CADES/2023, de 13 de setembro de 2023.

Dispõe sobre a alteração da composição das Câmaras Técnicas do Conselho Municipal de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES.

O Conselho Municipal do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável - CADES, usando das atribuições e competências que lhe são conferidas por Lei,